



O SABER NO SAGRADO

A APRENDIZAGEM DOS OGÃS E OS TAMBORES NO CANDOMBLÉ

Átila Ramirez da Silva
Marcio Mendes

FICHA TÉCNICA

Autores

Átila Ramirez da Silva e Marcio Mendes

Produção executiva

Pamela Peruzzi e Kátina Sousa

Revisão

Caroline Seixas

Projeto gráfico e diagramação

Amanda Rodrigues

Editoração eletrônica

Adriano Marques

Copyright © 2025

Todos os direitos reservados.



Secretaria da **SÃO PAULO**
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS



SUMÁRIO

1.	Batuque Inicial: Entrando no Ritmo	5
	1.1 A licença aos Orixás: apresentação do e-book	6
	1.2 Batendo os tambores: contextualização do candomblé	8
2.	Percorrendo os terreiros: um olhar pelas variações do candomblé	9
	2.1 Ketu: origens e tradições	10
	2.2 Jeje: entre danças e encantamentos	10
	2.3 Angola: raízes e ancestralidade	10
	2.4 Caboclo: entre a floresta e o axé	10
3.	Dança dos Orixás: conhecendo as divindades	11
	3.1 O Reino de Oxalá: Origens e Importância	12
	3.2 Os Mistérios de Exu: Guardião dos Terreiros	12
4.	Encontro com os ogãs: os mestres do tambor	15
	4.1 Os segredos do toque: o papel dos ogãs nas cerimônias ..	16
	4.2 Candomblé e seus toques: a sinergia entre tambores e tradições	16
	4.3 Desafios na formação dos ogãs: reflexões sobre a transmissão e preservação dos ritmos	17
	4.4 O interesse pela música do candomblé e o ogã exercendo a profissão de músico	18
5.	Axé: uma palavra na boca de todos	19
	5.1 Diálogos com os ancestrais: entrevistas e observações ..	20
	5.2 Compartilhando saberes: ancestralidade e aprendizado ..	22
	5.3 Desafios e resistências: intolerância religiosa nas comunidades de terreiro	26
6.	Encerramento: celebração das sementes e folhas	29
	6.1 Agradecimentos e reconhecimentos	30
	6.2 Convite para novas jornadas: continuidade e inovação	30



1

BATUQUE INICIAL: ENTRANDO NO RITMO

1.1 A licença aos Orixás: apresentação do e-book

Neste e-book, mergulharemos em uma parte do universo das religiões de matriz africana, com foco especial nos tambores, assim como no papel do ogã para o trabalho efetuado dentro dos terreiros. Mediante a análise de pesquisas acadêmicas e entrevistas, vamos explorar como esses elementos fundamentais contribuem para as manifestações espirituais e culturais dessas tradições. Inicialmente, foi conduzida uma pesquisa bibliográfica, buscando compreender o contexto acadêmico que trata desses elementos fundamentais para as práticas religiosas afro-brasileiras. Posteriormente, foram realizadas entrevistas com membros ativos de comunidades de terreiro, realizadas pelos pesquisadores e autores do ebook, além de visitas e participações em rituais e cerimônias, permitindo uma imersão direta na vivência e na prática desses elementos da religiosidade afro-brasileira.



Os estudos trazidos aqui pretendem, num primeiro momento, apresentar uma perspectiva acadêmica, para oferecer um recorte desta visão sobre o papel dos tambores e dos ogãs nas religiões de matriz africana, com foco no candomblé e em suas diversas nações. Em um segundo momento, apresentam uma investigação coletada por meio de entrevistas, que trata de trazer outras referências pela oralidade. Desta maneira, contrastamos esses dois tipos de referenciais importantes na construção desta pesquisa e os entregamos neste e-book.

Pela análise desses estudos, notamos que todos concordam desempenharem os tambores um papel fundamental nessas práticas religiosas, sendo considerados elementos sagrados que estabelecem uma conexão direta com os Orixás, evocando entidades e criando uma atmosfera propícia para as manifestações espirituais. Além disso, destacamos o papel multifacetado do ogã, que não se limita apenas a ser um músico percussionista, mas também atua como um sacerdote, coordenando os rituais, mantendo a ordem durante as cerimônias e agindo como intermediário entre os praticantes e as entidades.

Foram selecionados trabalhos cuja categoria central de pesquisa era ogãs e tambores.

Das pesquisas, destacam-se seis trabalhos, sendo a maioria composta de dissertações de mestrado, seguidas por artigos de revista. Esses estudos foram conduzidos em instituições de Ensino Superior distribuídas em diversas regiões do país, como Bahia, São Paulo, Rio Grande do Sul e Pernambuco, em programas de pós-graduação distintos, incluindo Música, Comunicação, Antropologia e Filosofia. Quanto aos assuntos abordados, os trabalhos englobam áreas como Etnomusicologia, Comunicação, Semiótica da

cultura, Filosofia e Antropologia. Além disso, parte dos trabalhos estão disponíveis em repositórios institucionais das universidades públicas, enquanto outros foram publicados em revistas acadêmicas.

Os artigos e teses analisados seguiram um roteiro delineado por questões específicas que guiaram suas investigações. Essas questões, formuladas como objeto de estudo, abordaram os principais aspectos relativos aos tambores e o papel do ogã no contexto dos terreiros de religiões de matriz africana, bem como tais manifestações religiosas em que são utilizados os tambores e a função específica desempenhada pelo ogã dentro desses espaços ritualísticos. Essas questões visavam a uma compreensão mais específica desses elementos centrais da cultura afro-brasileira, considerando não apenas sua dimensão musical, mas também seu significado espiritual e social.

O propósito principal desses estudos era compreender e valorizar a conexão entre os seres humanos e o sagrado, mediada pelos tambores e pelo papel do ogã nos terreiros de religiões de matriz africana. Além disso, as questões orientadoras adotadas pelos artigos e teses examinados estruturaram e conduziram o restante das pesquisas, fornecendo arcabouço conceitual e metodológico para a análise dos tambores e do papel do ogã nos terreiros de religiões de matriz africana. Os estudos acadêmicos que tratam dos tambores e do papel do ogã nos terreiros de religiões de matriz africana “O alagbê: entre o terreiro e o mundo”, de Passos de Barros (2020), e “O Ogan Otum Alabê: sacerdote e músico percussionista da Nação Ketu no Ilê Axê Jagun”, de Souza (2021), são duas dissertações de mestrado que exploram a função do ogã e a importância dos tambores no contexto ritualístico do candomblé. Enquanto Barros investiga a figura do alagbê (uma forma de nomenclatura de ogã) e sua relação com a música e a religiosidade afro-brasileira, Souza analisa o papel do ogã enquanto sacerdote e músico percussionista na Nação Ketu. A pesquisa de Negrão (2018) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo aborda os processos de comunicação e cultura dentro do terreiro Axé Ilê Obá, destacando a oralidade como condutora do Axé. Além disso, o estudo de Lopes, Brito e Guerreiro (2021) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul explora os instrumentos como meio de acesso ao sobrenatural no Brasil e em Moçambique. Outros trabalhos, como “Pensar-vivendo: filosofia a toque de atabaques em Pensar nagô”, de Pasti (2018), e “Constituição da pessoa ogã no Xangô/Candomblé do Recife”, de Lima (2016), oferecem percepções valiosas sobre a filosofia e a prática religiosa relacionadas aos tambores e ao papel do ogã em diferentes contextos culturais e geográficos no Brasil.

No entanto, há algumas divergências em relação ao contexto específico de cada estudo. Por exemplo, enquanto alguns destacam o papel do ogã alagbê como mestre dos tambores e sua importância na transmissão do conhecimento musical dentro dos terreiros, outros enfatizam a função do ogã como líder de outras tarefas — além da musical — durante as cerimônias religiosas. Essas diferenças ressaltam a diversidade de papéis desempenhados pelos praticantes dentro dos terreiros e a complexidade das práticas religiosas afro-brasileiras.

Já um ponto de convergência entre os estudos é a importância da oralidade na transmissão das tradições culturais e espirituais. Todos destacam a centralidade das cantigas, das rezas e das lendas transmitidas oralmente como parte integrante das práticas religiosas, contribuindo para a preservação da memória coletiva e para a manutenção das tradições culturais.

Os estudos também abordam questões contemporâneas, como a presença de mulheres no aprendizado dos tambores e a intolerância religiosa enfrentada pelos praticantes do candomblé. Eles ampliam o entendimento sobre as práticas culturais e as

lutas enfrentadas pela comunidade afro-brasileira, contribuindo não somente para promover um debate mais amplo sobre a cultura afro-brasileira, como também para combater estereótipos e preconceitos em relação às religiões de matriz africana.

O e-book organiza-se em cinco sessões principais, cada uma conduzindo o leitor por uma jornada de descoberta e reflexão sobre o universo do candomblé. A introdução, intitulada “**Batuque inicial: entrando no ritmo**”, apresenta a obra e contextualiza as raízes do candomblé, destacando sua riqueza cultural e espiritual. Na segunda seção, “**Percorrendo os terreiros**”, são exploradas as variações dessa tradição religiosa, como Ketu, Jeje, Angola e Caboclo, evidenciando a diversidade que compõe essa manifestação afro-brasileira. A terceira sessão, “**Dança dos Orixás**”, aprofunda o conhecimento sobre as divindades e seus significados dentro dos terreiros, ressaltando o papel central das narrativas mitológicas. Em seguida, “**Encontro com os ogãs**” aborda a importância dos mestres do tambor, revelando os segredos dos toques e os desafios enfrentados na formação e preservação dos ritmos sagrados. Por fim, a seção de encerramento celebra os saberes compartilhados ao longo da obra e convida o leitor a continuar explorando e valorizando essa rica tradição ancestral.

1.2 Batendo os tambores: contextualização do candomblé

O candomblé é uma das religiões brasileiras com influência dos elementos da matriz africana no Brasil. É um universo de crenças, rituais e tradições que tem raízes profundas na história e na cultura do povo brasileiro. Para entendermos melhor essa religião, mergulhamos nos ensinamentos do artigo produzido por Lühning (1989), que apresenta visão abrangente sobre os aspectos fundamentais dessa religião, cujas origens remontam às práticas religiosas dos povos africanos trazidos como escravizados para o Brasil durante o período colonial. A miscigenação de diferentes culturas e tradições africanas teve como um dos seus resultados a formação do candomblé como o conhecemos hoje, com sua diversidade de Orixás e rituais. O termo “candomblé” é derivado dos idiomas bantu e iorubá, refletindo a complexa mistura de elementos culturais que caracterizam essa religião (Lühning, 1989).

Já o terreiro de candomblé é o espaço sagrado onde as cerimônias e rituais religiosos são realizados. Localizado em áreas urbanas ou rurais, o terreiro é composto por diferentes espaços, como o barracão, onde ocorrem as festas públicas, e os quartos dos Orixás, onde são realizadas as obrigações sagradas. A divisão física do terreiro reflete a complexa organização religiosa e a importância dos espaços naturais e seus elementos, como árvores e plantas, na espiritualidade candomblecista.

Seus rituais são conduzidos pelos líderes religiosos conhecidos como pais ou mães de santo, responsáveis por guiar a comunidade nas celebrações e obrigações aos Orixás. Os atabaques, instrumentos sagrados tocados durante os rituais, desempenham um papel fundamental na invocação das entidades e na transmissão das suas mensagens. Além disso, as plantas também possuem um significado especial dentro do candomblé, utilizadas para purificação, cura e proteção espiritual (Passos de Barros, 2017).

O candomblé é marcado pelo sincretismo religioso, uma prática que combina elementos de diferentes tradições religiosas. No Brasil, absorveu influências da cultura indígena, do catolicismo e do espiritismo, resultando em uma religião sincrética que preserva suas raízes africanas enquanto incorpora novos elementos (Beniste, 2001). Essa capacidade de adaptação e resiliência é uma das características mais marcantes do candomblé, que continua a desempenhar um papel significativo na vida espiritual e cultural do povo brasileiro.

PERCORRENDO OS TERREIROS: UM OLHAR PELAS VARIAÇÕES DO CANDOMBLÉ

2

O candomblé apresenta uma diversidade de variações, cada uma delas enraizada nas tradições e culturas dos povos africanos trazidos para o Brasil durante o período colonial. Essas variações refletem não apenas as diferentes origens étnicas dos africanos escravizados, mas também as distintas regiões do Brasil onde essas tradições se desenvolveram e se adaptaram ao longo do tempo. Embora não seja estritamente uma variação do candomblé, a umbanda também desempenha um papel significativo na religiosidade afro-brasileira, tendo sido inspirada por ele, mas incorporando também influências do espiritismo e das tradições indígenas brasileiras, a umbanda compartilha muitos elementos comuns com o candomblé, como o culto aos Orixás (Prandi, 2001; Verger, 1999).

As variações do candomblé representam um mosaico diversificado da religiosidade afro-brasileira, cada uma contribuindo de sua forma para a preservação e perpetuação das tradições ancestrais dos povos africanos trazidos para o Brasil como escravizados.

2.1 Ketu: origens e tradições

Uma das variações mais proeminentes é o candomblé ketu, originário da região de Ketu, localizada na atual República do Benin, na África Ocidental. No Brasil, o candomblé ketu é caracterizado por seus rituais elaborados, o culto a uma vasta panóplia de Orixás (entidades divinas), o uso de instrumentos musicais como atabaques e agogôs, e danças rituais como o xirê (Bascom, 1981; Abimbola, 1977).

2.2 Jeje: entre danças e encantamentos

Outra variação significativa é o candomblé jeje, que tem suas raízes nos povos Fon e Ewe da antiga Costa dos Escravos, compreendendo atualmente as nações de Togo, Benin e partes da Nigéria. O candomblé jeje é conhecido por suas cerimônias intimistas, influenciadas pelas tradições do vodu africano, bem como pelo uso de elementos ritualísticos, como ervas, amuletos e líquidos sagrados (Prandi, 2001; Verger, 1999).

2.3 Angola: raízes e ancestralidade

Já o candomblé angola, também chamado de candomblé bantu, remonta às tradições dos povos bantos da região da atual Angola e Congo. Esta variação do candomblé é marcada por seus rituais mais tradicionais e uma forte ênfase na conexão com os ancestrais, além do culto aos Orixás (Bascom, 1981; Abimbola, 1977).

2.4 Caboclo: entre a floresta e o axé

Uma variação sincretizada do candomblé é o chamado candomblé caboclo, que combina elementos das tradições africanas com as culturas indígenas e folclóricas brasileiras. Este ramo do candomblé é conhecido por suas práticas de cura e rituais de incorporação de entidades espirituais conhecidas como caboclos (Prandi, 2001; Verger, 1999).



DANÇA DOS ORIXÁS: CONHECENDO AS DIVINDADES

3

Na tradição religiosa do candomblé, a dança dos Orixás desempenha um papel fundamental na expressão e na conexão espiritual dos praticantes. Neste contexto, cada Orixá possui suas próprias características, mitos e simbologias, refletindo a diversidade cultural e espiritual das religiões afro-brasileiras. O panteão do candomblé é vasto, reunindo diversos Orixás, cada qual com sua importância e simbologia dentro das tradições afro-brasileiras.

Neste capítulo, optamos por abordar as danças de Oxalá e Exu como exemplificação, destacando suas características específicas e os significados presentes em seus movimentos e ritmos. Contudo, é importante ressaltar que existem muitos outros Orixás igualmente significativos, cada um com suas próprias expressões culturais e espirituais. Essa escolha não diminui a relevância dos demais, mas reflete a necessidade de delimitação para o foco do trabalho, que explora a relação entre os tambores e os rituais conduzidos pelos ogás no contexto do candomblé.

3.1 O Reino de Oxalá: Origens e Importância

Oxalá, também conhecido como Orixalá, é considerado o grande patriarca dos Orixás, o mais antigo e sábio de todos. Sua origem remonta às tradições iorubás, nas quais é associado à criação do mundo e à figura paterna que moldou a humanidade. Ele é reverenciado como o senhor da paz, da harmonia e da sabedoria, sendo muitas vezes invocado nos rituais de purificação e renovação espiritual. Segundo Verger (1997), Oxalá é representado pela cor branca, simbolizando a pureza e a transcendência espiritual.

A dança em homenagem a Oxalá é marcada pela serenidade e pela solenidade, refletindo a natureza pacífica e conciliadora do Orixá. Os movimentos são suaves e cadenciados, evocando a tranquilidade e a busca pela elevação espiritual. Nas festas dedicadas a Oxalá, como a Festa de Nossa Senhora da Conceição da Praia na Bahia, os devotos expressam sua devoção por meio de cânticos, oferendas e gestos de reverência, fortalecendo assim o vínculo espiritual com o Orixá (Bastide, 2001).

3.2 Os Mistérios de Exu: Guardião dos Terreiros

Exu é uma das figuras mais controversas e incompreendidas do panteão afro-brasileiro. Associado às forças da comunicação, da dualidade e do movimento, Exu desafia as convenções e os padrões estabelecidos, sendo muitas vezes mal interpretado como uma entidade maligna. No entanto, para os praticantes do candomblé, Exu é o guardião dos caminhos, o mensageiro entre os mundos espiritual e material, e o detentor do axé, a energia primordial que permeia o universo (Prandi, 2001).

A dança em honra a Exu é marcada pela intensidade e pela vitalidade, refletindo a natureza dinâmica e imprevisível do Orixá. Os movimentos são ágeis e vigorosos, evocando a força e a agilidade necessárias para enfrentar os desafios da vida. Nas festas dedicadas a Exu, como a Festa de Santo Antônio da Barra na Bahia, os devotos celebram sua presença fazendo uso de danças frenéticas, cantos ritmados e oferendas de alimentos e bebidas, assim, sua devoção e respeito ao guardião dos terreiros.

Os Orixás são manifestações que unem corpo, espiritualidade e cultura em um mesmo movimento. Ao trazer Oxalá e Exu, buscamos exemplificar a diversidade de expressões e significados que suas danças carregam, enquanto ressaltamos a centralidade

dos ritmos e dos tambores no contexto do candomblé. As danças não apenas dão vida às cerimônias, mas também simbolizam a conexão entre o material e o divino, revelando a complexidade e a profundidade das tradições afro-brasileiras.



**O que é ser ogã?
É saber ouvir o
tambor, é o som da
vida. Respeito pela
cultura, entender o
que é ancestralidade e
principalmente ouvir”.**

Mestre Malaca

A photograph showing a person from behind, wearing a green and white patterned wrap, playing a large, dark wooden drum. The person is sitting on a low stool. In the background, there are more drums and some wooden tables. A vertical decorative border on the left side of the image features yellow, blue, and white geometric patterns.

4

ENCONTRO COM OS OGÃS: OS MESTRES DO TAMBOR

A oralidade ocupa um lugar central na transmissão de saberes dentro dos terreiros de candomblé, configurando-se como a base para a perpetuação das tradições e dos rituais. Por meio das vozes das mães de santo, como Mãe Biu e Mãe Emanuele, e dos ogãs como Iuri Passos, Malaka e Moa, é possível observar como as experiências pessoais e coletivas são moldadas pela convivência e pelo aprendizado cotidiano. Este capítulo examina os depoimentos coletados para revelar as contradições e os pontos de convergência na formação desses saberes.

4.1 Os segredos do toque: o papel dos ogãs nas cerimônias

Nesta seção, trataremos do papel dos ogãs como condutores dos rituais de/com tambores. Os ogãs não são apenas músicos, mas também guardiões dos segredos dos toques sagrados transmitidos oralmente de geração em geração. Eles são responsáveis por liderar os cânticos e coordenar os ritmos dos tambores conforme as demandas espirituais da cerimônia. Além disso, cabe aos ogãs manterem a tradição e a disciplina durante as celebrações, garantindo a integridade e o respeito pelos rituais.

No âmbito das tradições religiosas afro-brasileiras, Bastide (2001), em sua obra “O candomblé da Bahia: Rito Nagô”, discute a relevância dos ogãs como mediadores entre o mundo material e espiritual. Conforme a abordagem do autor, os ogãs assumem uma posição crucial na manutenção do equilíbrio entre esses domínios, agindo como elo entre o plano terreno e as esferas divinas. O autor considera os ogãs especialistas na arte da comunicação com os Orixás, pois utilizam os tambores e outros instrumentos musicais para evocar a presença divina durante os rituais.

Além de sua habilidade musical, os ogãs também são detentores de um profundo conhecimento dos mitos, rituais e tradições religiosas. Incumbidos de preservar e transmitir esse conhecimento de forma oral, eles garantem a continuidade e autenticidade das práticas religiosas ao longo das gerações.

Já para Sodré (2017), os ogãs desempenham um papel essencial nas cerimônias, indo além da simples execução musical. Eles são os guardiões dos segredos dos toques sagrados, transmitidos oralmente de geração em geração. Eles representam os intermediários privilegiados entre o mundo material e espiritual, desempenhando uma função crucial na manutenção da cosmovisão africana e na preservação da identidade cultural afro-brasileira.

4.2 Candomblé e seus toques: a sinergia entre tambores e tradições

Aqui, vamos destacar como os ogãs desempenham um papel central na preservação das tradições sonoras do candomblé. Eles são os guardiões dos ritmos ancestrais que invocam as divindades e conduzem os participantes ao êxtase espiritual. Os ogãs possuem um profundo conhecimento dos toques de tambores associados a cada Orixá e são capazes de traduzir esses ritmos em uma linguagem sagrada compreendida pelos devotos.

Vamos examinar como a habilidade dos ogãs em sincronizar os tambores com os movimentos ritualísticos e os cânticos contribui para a atmosfera mística das cerimônias.

Os toques do candomblé desempenham um papel fundamental nas práticas religiosas afro-brasileiras, servindo como veículos de comunicação com os Orixás e enquanto expressões culturais profundamente enraizadas na mitologia dos povos africanos. Neste contexto, as reflexões de Prandi (2001) oferecem percepções sobre a interconexão dos ritmos do candomblé e sua base mitológica. O autor ainda afirma que cada



ritmo possui uma associação específica com um Orixá e é usado para invocar sua presença durante os rituais religiosos. Essa interconexão entre mitologia e ritmo enriquece a prática musical ao mesmo tempo em que fundamenta a espiritualidade da religião. Uma das reflexões diz respeito à transmissão oral da mitologia por trás dos ritmos do candomblé. Ele ressalta como as histórias, lendas e mitos dos Orixás são transmitidos de geração em geração por meio das músicas, cantigas e rituais, contribuindo para a preservação e perpetuação da tradição cultural e espiritual.

Prandi (2001) também analisa o significado simbólico dos ritmos do candomblé, destacando como cada batida, ritmo e padrão rítmico carrega consigo uma carga simbólica relacionada às características e atributos dos Orixás. Esses ritmos não apenas proporcionam uma experiência musical envolvente, mas também servem como veículos para a expressão e compreensão da mitologia religiosa.

4.3 Desafios na formação dos ogãs: reflexões sobre a transmissão e preservação dos ritmos

Nesta parte, exploramos os desafios enfrentados pelos ogãs na transmissão e preservação dos ritmos sagrados do candomblé. Os ogãs são os mestres que carregam o fardo de garantir a continuidade dessa tradição oral em um mundo moderno em constante mudança. A falta de tempo, o desinteresse das novas gerações e o impacto de problemas como o alcoolismo emergem como obstáculos significativos para a formação dos alagbês.

Iuri Passos de Barros (2017) apresenta uma análise aprofundada sobre as dificuldades enfrentadas pelos alagbês no contexto do candomblé, destacando como a formação desses mestres musicais tem se tornado um desafio crescente. Ele aponta que a desproporção entre o número de terreiros e o de alagbês qualificados compromete a continuidade dos rituais, especialmente nas casas menores ou recém-criadas. Passos de Barros (2017) observa que, embora as casas mais antigas frequentemente neguem enfrentar tais dificuldades, há uma necessidade urgente de maior envolvimento dessas instituições na preservação e no ensino dos ritmos sagrados.

A formação do alagbê exige dedicação quase total, o que muitas vezes é incompatível com outras atividades profissionais, gerando impactos diretos na qualidade e na continuidade do ensino. Além disso, como aponta Passos de Barros (2017), a influência de fatores sociais, como o alcoolismo e a baixa escolaridade, também interfere nesse processo, uma vez que muitas lideranças religiosas se veem obrigadas a aceitar colaborações em condições desfavoráveis. Essa situação é agravada pelo desinteresse das novas gerações, que, segundo Passos de Barros (2017), frequentemente priorizam o uso da tecnologia e das redes sociais em detrimento do aprendizado dos ritmos tradicionais.

Ao trazer em seus trabalhos relatos de mestres como Luizinho do Jeje, Ivanildo de Oxóssi e Eliezer Freitas, Passos de Barros (2017) ilustra como a falta de tempo, o desinteresse e as mudanças culturais impactam negativamente a transmissão dos conhecimentos musicais no candomblé. Eliezer Freitas, por exemplo, relaciona o declínio do interesse ao uso excessivo de dispositivos tecnológicos por crianças e jovens, o que desvia a atenção para fora das tradições. Esses depoimentos reforçam a ideia de que, embora o tempo em si não tenha mudado, as prioridades das novas gerações estão cada vez mais afastadas das práticas culturais do terreiro.

Outro ponto relevante trazido por Passos de Barros (2017) é a relação dos alagbês com a profissionalização e as formas de remuneração no contexto do candomblé. Historicamente considerados mestres e sábios, muitos alagbês têm buscado formas de viver da música, seja ensinando ritmos e cantigas a outros terreiros, seja dialogando com músicos externos interessados nos ritmos sagrados. Esse movimento, como destaca Passos de Barros, tem fomentado a criação de novos métodos e estratégias para preservar e ensinar os ritmos do candomblé, o que abre perspectivas para a manutenção dessa rica tradição. Portanto, ao analisar os desafios na formação dos ogãs e alagbês, é fundamental considerar os fatores históricos, sociais e culturais que moldam esse processo.

Trabalhos como o de Passos de Barros (2017) contribuem significativamente para uma compreensão mais ampla dessas questões, ao lançar luz sobre as dificuldades e propor caminhos para a preservação dos ritmos sagrados.

4.4 O interesse pela música do candomblé e o ogã exercendo a profissão de músico

Nesta seção, vamos explorar como os ogãs expandem seu papel para além do contexto religioso, tornando-se músicos, profissionais e educadores. Os ogãs não apenas mantêm a tradição viva nos terreiros de candomblé, mas também compartilham seus conhecimentos com outros músicos e comunidades. Vamos discutir como alguns ogãs encontram oportunidades fora do ambiente religioso para ensinar os ritmos do candomblé e como isso contribui para a preservação da cultura afro-brasileira. Além disso, vamos examinar como a transição dos ogãs para carreiras musicais profissionais impacta a comunidade do candomblé e como essa dualidade entre tradição e modernidade é negociada.



Brundage (2010) relata experiências significativas que destacam os esforços dos ogãs na divulgação dos ritmos do candomblé. Segundo suas observações, os ogãs desempenham um papel fundamental na disseminação e preservação dos ritmos tradicionais das religiões afro-brasileiras, especialmente do candomblé, tanto dentro quanto fora dos terreiros. O autor destaca que, além de sua atuação nos terreiros, os ogãs têm desempenhado um papel ativo na divulgação dos ritmos do candomblé em contextos mais amplos. Eles têm participado de eventos culturais e festivais de música.

Essas experiências relatadas por Brundage evidenciam que os ogãs também possuem um compromisso com a divulgação e valorização desses ritmos para a sociedade em geral. Seu papel como músicos contribui para ampliar o entendimento e a apreciação da riqueza cultural afro-brasileira tanto dentro quanto fora do Brasil.



5

AXÉ: UMA PALAVRA
NA BOCA DE TODOS

Axé é a essência que conecta a comunidade do terreiro. Segundo Mestre Moa, “o axé é o que dá vida aos tambores e une as pessoas em uma energia comum.” Ele relata que o axé não é apenas uma palavra, mas uma força vital que permeia todos os aspectos da vida no candomblé. Já Mestre Malaka reforça: “o axé é sentido no toque, nas cantigas e até no silêncio das orações. É algo que nos liga ao divino e à nossa ancestralidade.” Esses relatos mostram como o conceito de axé transcende o terreiro, funcionando como um elo espiritual e cultural entre passado e presente.

5.1 Diálogos com os ancestrais: entrevistas e observações

A rica tradição do candomblé é alicerçada em pilares que transcendem o tempo, conectando o presente às memórias ancestrais. Entre esses pilares, destacam-se os ogãs e os tambores, figuras e instrumentos que desempenham um papel fundamental na preservação do conhecimento e das práticas ritualísticas. Esses elementos se entrelaçam para perpetuar a herança espiritual e cultural da religião, sendo protagonistas na transmissão do saber de uma geração a outra. Com base em entrevistas realizadas com uma mãe pequena, uma ialorixá e um ogã experiente, é possível compreender a profundidade dessa relação simbólica e prática.

As entrevistas realizadas com Mãe Emanuele, Mãe Biu, Iuri Passos, Mestre Malaka e Mestre Moa (Moacir José da Rocha Simplício) oferecem uma visão abrangente da dinâmica do candomblé em diferentes contextos.

Mãe Emanuele, com 46 anos de vivência no terreiro e função de mãe pequena há 18 anos, relata o aprendizado profundo e natural que se dá desde a infância, reforçando a importância do convívio comunitário e da experiência compartilhada no terreiro. Ela observa que “aprendemos pela convivência, ouvindo os mais velhos e vivendo o dia a dia do terreiro”.

Mãe Biu, com 63 anos e 30 de vivência religiosa, destaca como a relação com os ancestrais moldam a prática e a organização da sua casa de candomblé. Ela enfatiza que a sabedoria é guiada pelos Orixás e pelos sinais espirituais, elementos essenciais para preservar a tradição.

Por fim, Iuri Passos de Barros, ogã do Gantois, detalha a função e a responsabilidade dos tocadores de tambor, evidenciando o papel da hierarquia e do aprendizado contínuo. Ele afirma que

“O APRENDIZADO SE DÁ DE FORMA ORGÂNICA, AO OBSERVAR E VIVENCIAR AS DINÂMICAS DO TERREIRO”.

Mestre Malaka, com mais de 40 anos de experiência como ogã de corte, descreve a função dos tambores como **“a voz dos Orixás e dos ancestrais”**, destacando o papel central da dedicação e do respeito às tradições durante o aprendizado no terreiro. Já Mestre Moa (Moacir José da Rocha Simplício), conhecido por suas pesquisas e atuação cultural e artística, ressalta que **“os tambores conectam o coração”**.

do terreiro ao dos praticantes", enfatizando a dimensão emocional e espiritual que perpassa a prática musical no candomblé.

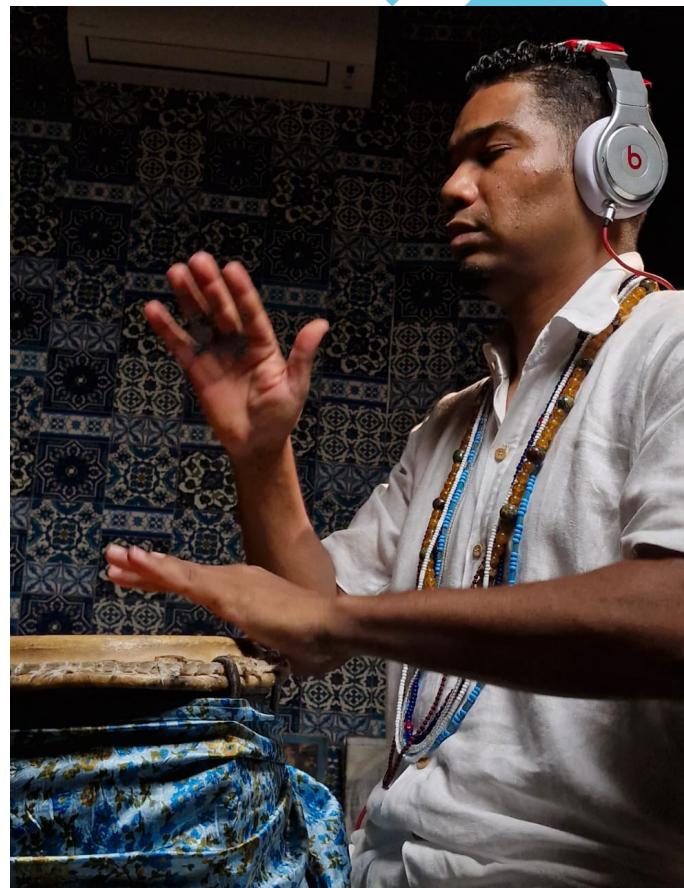
No candomblé, o saber é transmitido predominantemente pela oralidade. Ogãs e mães de santo desempenham um papel crucial como guardiões desse conhecimento, formando novas gerações por meio de práticas rituais e ensinamentos espontâneos. Essa transmissão do saber ocorre não apenas em momentos formais, mas também no convívio cotidiano, criando um ciclo onde os mais velhos orientam os mais novos. Os ancestrais, por sua vez, são evocados nos rituais como fontes de sabedoria e proteção. Eles são a base espiritual que inspira e guia as ações dentro do terreiro.

Segundo Mãe Biu, **"a sabedoria quem dá, abaixo de Deus, são os Orixás"**, reforçando que as práticas são moldadas por sinais e inspirações divinas. Os tambores, ou atabaques, funcionam como meios de conexão com o divino, transmitindo a energia dos ancestrais durante as cerimônias.

Mais do que instrumentos musicais, os tambores são depositários de histórias e emoções. No candomblé, os ritmos não são apenas técnicas, eles representam gestos de resistência e identidade cultural. Mãe Emanuele observa que os "ngomas"¹ são tocados com as mãos, reforçando a ligação entre a energia humana e a espiritual. Para Iuri Passos, o tambor maior, conhecido como "rum", atua como um solista que responde à coreografia do Orixá, criando uma conexão única entre som, corpo e espiritualidade. Ele descreve que os tambores também carregam nomes e identidades, sendo tratados como entes vivos que demandam cuidado e respeito. Essa relação simbólica entre os ancestrais e os tambores reforça o papel do ogã como mediador entre o mundo material e espiritual.

Os tambores cumprimem ainda um papel social, ao unificar a comunidade em torno de suas tradições. Eles representam uma forma de resistência e reafirmação da identidade afro-brasileira. Mãe Biu enfatiza a necessidade de união e organização nos rituais, razão pela qual os ogãs assumem a liderança em diversas funções. Essa interação, além de reforçar os laços culturais, também promove a inclusão e o fortalecimento de uma identidade coletiva. Segundo ela, **"a união faz a força, e é na união que o axé se fortalece"**.

A relação entre ancestrais, ogãs e tambores transcende o campo da religião, interligados pela oralidade, espiritualidade e práticas comunitárias. Estas garantem que o candomblé continue sendo um patrimônio vivo e dinâmico. Como bem destaca Iuri Passos,



Iuri Passos de Barros

¹ Palavra da língua kimbundo que significa "tambores".

“a energia dos tambores é uma extensão do corpo e da alma, ecoando a história e a força de nossos antepassados”. Em um mundo onde o tempo e a dedicação ao sagrado parecem cada vez mais escassos, a tradição do candomblé permanece como um farol, iluminando caminhos de resistência, espiritualidade e preservação cultural.

5.2 Compartilhando saberes: ancestralidade e aprendizado

A riqueza das tradições do candomblé advém de uma dinâmica entre o aprendizado popular e a espiritualidade, evidenciando tensões que moldam o papel das lideranças e a transmissão dos saberes nos terreiros. Nesse contexto, a oralidade emerge como base essencial para perpetuar os rituais e as práticas, mas enfrenta desafios crescentes diante da formalização e da necessidade de documentação. Além disso, a transmissão intergeracional carrega um papel vital, mas esbarra em questões como o desinteresse de jovens e a falta de tempo, exigindo estratégias inovadoras para assegurar a continuidade das tradições. O terreiro não se limita a um espaço de fé; ele se estabelece como uma estrutura social que promove cidadania, respeito e valores coletivos aplicáveis a outras esferas da vida.

Os depoimentos de Mãe Emanuele e Mãe Biu destacam a importância da vivência no terreiro desde a infância. Para Mãe Biu, Mãe Emanuele, Mestre Malaka e Mestre Moa, é importante a vivência no terreiro desde a infância. Para Mãe Emanuele, **“aprende-se aqui dentro, no dia a dia, na convivência. Os mais velhos ensinam os mais novos, e assim se mantém a tradição”**. Essa transmissão, profundamente enraizada na experiência prática, contrasta com o relato de Mãe Biu, que inicialmente resistiu à sua vocação, afirmando: **“Eu não entrei por amor, entrei pela dor. Mas depois de entender a beleza do Orixá, hoje exerço com amor e satisfação”**. Ademais, Mãe Biu reforça a dimensão comunitária do terreiro, explicando: **“Aqui dentro, somos uma família. Fazemos reuniões com todos, dos ogãs aos filhos de santo, para garantir que tudo funcione em harmonia”**. Esse testemunho demonstra o papel do terreiro como espaço de união e colaboração, onde o aprendizado vai além das questões técnicas e inclui uma forte dimensão relacional.



Mãe Emanuele

Mestre Malaka, como ogã de corte, reforça essa a existência da dimensão prática que existe dentro da “roça²” de candomblé, ao afirmar: “**ogã é responsabilidade extrema. Ele corta, ensaia os filhos de santo e dá atenção aos membros da casa. Tudo isso é aprendido no roncó³, durante meses de dedicação**”. Já Mestre Moa destaca o papel afetivo da memória e da infância na formação: “**Quando eu era criança, ficava ao lado dos atabaques no terreiro da minha tia, no Rio de Janeiro. Essa memória afetiva me conectou ao tambor como algo que fala com o coração**”. A vivência e a oralidade ocupam um lugar central na transmissão de saberes dentro dos terreiros de candomblé, configurando-se como a base para a perpetuação das tradições e dos rituais.

A hierarquia também desempenha um papel estruturante na religiosidade. De acordo com Iuri Passos de Barros, “**tudo dentro do terreiro é hierarquizado. O aprendizado está ligado ao crescimento nessa estrutura, na qual cada função tem seu momento de ser alcançada**”. Ele acrescenta que os jovens começam a aprender observando os mais experientes: “**Os meninos começam a aprender observando. Aos poucos, vão se aproximando, sentando ao lado dos tocadores mais experientes. É assim que a tradição é passada, sem pressa, mas com muita dedicação**”.

Para Mãe Emanuele,

“**A HIERARQUIA ENSINA RESPEITO E RESPONSABILIDADE, VALORES QUE TRANSCENDEM O TERREIRO E IMPACTAM A VIDA DE TODOS QUE PARTICIPAM**”.

Essas perspectivas reforçam a forma de organização e a integração entre experiências individuais e coletivas como um fator fundamental para a transmissão do conhecimento.

Para Mestre Malaka, “**os tambores são a voz dos nossos ancestrais. Cada batida é uma oração que atravessa gerações**”. Ele explica que o aprendizado dos ritmos exige disciplina e respeito pela história que carregam. Mestre Moa complementa essa visão, dizendo: “**Quando tocamos, estamos chamando aqueles que vieram antes de nós para caminhar ao nosso lado**”. Para ele, a conexão com os ancestrais se dá tanto por meio das práticas musicais quanto pela transmissão oral dos saberes.

Embora a oralidade seja unanimemente reconhecida como essencial, os depoimentos revelam formas de como o ensino é conduzido. Mãe Emanuele enfatiza: “**Aqui não se sai para aprender. Aprende-se na convivência, ouvindo e praticando**”. Em contraste, Iuri Passos menciona que

2 É o local onde se pratica a religião afro-brasileira do candomblé

3 É um quarto sagrado no candomblé onde os candidatos à iniciação se recolhem.

“A EXCELÊNCIA NO TOQUE É UM CRITÉRIO QUE A COMUNIDADE UTILIZA PARA VALIDAR O CARGO DE ALABÊ, O QUE EXIGE ESTUDO CONSTANTE E PRÁTICA DISCIPLINADA”.



Mestre Malaka

Mestre Moa reforça as duas falas ao afirmar: “**O tambor dirige toda a energia da casa. Mas para tocá-lo, não basta ser músico; é preciso compreender sua essência, que é espiritual e comunitária**”. Ademais, reforça a ideia comunitária enquanto garantia de sua existência quando explica: “**Se existe comunidade, existe resistência. E essa resistência é o que garante a continuidade do candomblé**”.

Outro ponto que surge na relação entre espiritualidade e aprendizado é o que Mãe Biu descreve: “**o Santo guia todas as nossas ações. Nós somos zeladoras, não donas desse saber**”. Por outro lado, Iuri salienta que “**manter os instrumentos afinados, conhecer os ritmos e saber conduzir as cerimônias são responsabilidades que vão além da dimensão espiritual**”.

Essas dualidades refletem a complexidade do aprendiz de integrar aspectos espirituais e práticos em uma única abordagem pedagógica.

Ainda nesse contexto, a transmissão intergeracional dos saberes revela desafios adicionais. Enquanto Iuri Passos aponta que “**a convivência com os mais velhos é indispensável**”, também alerta que “**a falta de tempo e o desinteresse de alguns jovens podem comprometer a continuidade das tradições**”. Essa tensão entre passado e presente evidencia a necessidade de adaptar as práticas sem perder a essência cultural e espiritual do candomblé.

Apesar de apresentarem algumas diferenças, os relatos convergem na valorização da comunidade como o espaço de formação por excelência. “**Sem a participação da comunidade, o terreiro perde sua essência**”, afirma Mãe Biu. Essa visão é compartilhada por Iuri, que destaca:

“A ENERGIA COMPARTILHADA ENTRE O TAMBOR E A DANÇA DO ORIXÁ SÓ SE MANIFESTA PLENAMENTE DENTRO DA DINÂMICA COMUNITÁRIA”.

Os depoimentos também ressaltam a importância do aprendizado intergeracional. Mãe Emanuele observa: **“As crianças que crescem no terreiro já ouvem os cantos e aprendem os rituais desde o ventre. Isso cria uma ligação natural com o sagrado”**. Essa continuidade é essencial para a preservação das tradições.

Ademais, o terreiro é um lugar onde as relações sociais também são negociadas e fortalecidas. Iuri Passos menciona que **“a hierarquia no terreiro reflete a organização de uma comunidade maior, onde o respeito é construído no dia a dia”**. Isso demonstra que as dinâmicas do terreiro podem servir como modelo de organização e convivência para outras esferas da sociedade.

As narrativas apresentadas neste capítulo dialogam diretamente com o objetivo do e-book, que é retratar o aprendizado dos tambores e o papel do ogã no terreiro. Os depoimentos ajudam a compreender as múltiplas dimensões envolvidas nesses temas, desde a dimensão técnica e espiritual até a vivência comunitária e intergeracional. Por exemplo, a discussão sobre o papel dos tambores, conduzida tanto por Mãe Emanuele quanto por Iuri Passos, evidencia como os instrumentos são essenciais para a conexão espiritual e o ordenamento cerimonial. Ao mesmo tempo, os desafios e as contradições levantados, como o equilíbrio entre ensino prático e espiritualidade, contribuem para ampliar o debate sobre as práticas religiosas afro-brasileiras, promovendo um melhor entendimento dessas tradições. Assim, os relatos apresentados não apenas fortalecem a compreensão do papel dos tambores e dos ogãs, mas também traz a importância deles como parte essencial da cultura afro-brasileira.

No contexto atual, um fenômeno digno de nota é o crescimento das chamadas “escolas de curimba” que têm se dedicado à formação técnica de ogãs, preparando músicos para a execução das músicas e ritmos do



Mãe Biu

candomblé em diversas casas. Essas escolas, muitas vezes vinculadas a outras religiões, oferecem uma estrutura formal de ensino, permitindo que os ogãs se especializem em sua função musical de maneira técnica. No entanto, é importante ressaltar que, dentro do candomblé, a transmissão de saberes não se limita ao aprendizado formal, mas envolve, primordialmente, a vivência cotidiana no terreiro, a troca de saberes entre gerações e a prática ritual. Como destacam as entrevistas com mães de santo e ogãs, essa forma de ensino imersivo, que passa pela convivência e pela transmissão oral, é essencial para a preservação dos fundamentos espirituais e culturais da religião.

O processo de aprendizagem nos terreiros, portanto, é muito mais do que a aquisição de técnicas musicais; ele carrega um profundo valor espiritual e cultural, no qual cada gesto e cada canção estão intrinsecamente ligados à preservação do axé. Nesse sentido, a forma tradicional de ensino, que valoriza a experiência e a oralidade, é fundamental para garantir que a religiosidade do candomblé seja vivida e sentida de maneira autêntica. A formação técnica oferecida pelas escolas pode, sem dúvida, ser uma valiosa contribuição para os ogãs e para o desenvolvimento de suas habilidades musicais, mas é essencial que se reconheça que o aprendizado no terreiro, com seus elementos vivenciais e espirituais, segue sendo o alicerce da formação no candomblé.

5.3 Desafios e resistências: intolerância religiosa nas comunidades de terreiro

A intolerância religiosa é um dos desafios mais marcantes enfrentados pelas comunidades de terreiro no Brasil, conforme evidenciado nas entrevistas realizadas com as mães de santo e os ogãs. Essas lideranças religiosas destacam não apenas os preconceitos enfrentados no dia a dia, mas também as formas de resistência e os desafios internos e externos vividos pelos praticantes do candomblé.



Professor Moa

Mãe Emanuele, por exemplo, enfatiza a importância do convívio e da transmissão do conhecimento dentro do terreiro, destacando que **“anti-gamente o convívio era muito grande, e isso permitia que as crianças crescessem imersas nos saberes da religião”**. No entanto, ela lamenta que **“hoje, muitas vezes, as pessoas têm menos tempo para estar dentro de um terreiro”**, o que afeta a continuidade das práticas e tradições. Para ela, a transmissão dos conhecimentos ancestrais é essencial para a manutenção da cultura e da religião, mas enfrenta obstáculos, como a mercantilização de aspectos religiosos e o afastamento das novas gerações.

Esse afastamento também é abordado por Mestre Malaca, que expressa preocupação com a preservação das tradições: “**A Angola hoje, em si, tá perdendo bastante, tá se acabando. A gente não pode deixar não. Tem que zelar por nossas raízes, nossa tradição. Isso é gratificante pra mim que sou ogã, que sou eterno aprendiz dos tambores**”. Sua fala reforça a necessidade de resistência e valorização das práticas ancestrais, ao mesmo tempo em que critica a crescente valorização da estética em detrimento do lado espiritual: “**Tem muitos hoje que o lado espiritual é luxo, o povo hoje se preocupa com luxo, parece que vai numa festa de baile. Embora seja uma feitura, saída de Orixá, é bonito ter uma vestimenta**”.

Mãe Biu, por sua vez, relata sua trajetória marcada pela resistência pessoal e coletiva. Em suas palavras, “**quando entrei no candomblé, não imaginava o quanto isso transformaria minha vida**”. Ela destaca que o candomblé é uma religião de resistência, cuja prática exige compromisso e cuidado. Mãe Biu também ressalta a responsabilidade dos membros do terreiro em zelar pelo axé e pelos fundamentos religiosos, afirmindo que “**a vida das pessoas está nas nossas mãos, então a gente tem que cuidar com amor e carinho**”. Sua narrativa reforça a ideia de que as comunidades de terreiro são espaços de acolhimento e proteção, mesmo diante das adversidades impostas pela intolerância religiosa.

Mestre Moa amplia essa discussão ao situar o candomblé como uma manifestação cultural em constante transformação e resistência. Ele ressalta que “**o candomblé retém uma tradição que lá no continente africano mudou. A gente cultua Orixás aqui que não têm mais lá**”. Essa transformação, segundo ele, não apaga a essência de resistência que define a religião: “**Se a gente falar do candomblé e da umbanda, a gente está falando de comunidade. Se existe comunidade, existe resistência**”. Moa também reflete sobre a importância da educação para garantir a continuidade das tradições, destacando que

“AS ESCOLAS TÊM QUE ESTAR ABERTAS, ENSINAR DIREITO PRA CRIANÇADA. TEM A LEI 10.639, ENSINO DE CULTURA AFRICANA, MAS DEIXARAM DE FORA AS UNIVERSIDADES. NÃO É FALAR SÓ SOBRE ESCRAVIDÃO, É IR ALÉM DA RELIGIÃO”.

Iuri Passos, alabê do terreiro de Mãe Menininha do Gantois, reflete sobre o impacto das redes sociais na percepção do candomblé pela sociedade e na disseminação da intolerância religiosa. Ele afirma: “**Eu acho que só jogar tudo o que você faz na**

internet é dar munição para toda a intolerância religiosa que a gente tem". Para ele, é fundamental ter mais cuidado com o que é exposto, pois muitos rituais e saberes são íntimos e precisam ser compreendidos dentro do contexto religioso. Iuri destaca que as frentes de batalha atuais incluem **"lutar contra a intolerância religiosa, lutar para preservar os ritmos, os cantos e as formas, mas sem banalizar"**.

As contribuições de Mestre Malaca e Mestre Moa também dialogam com essa preocupação, trazendo reflexões sobre o papel do ogã e a relação com os tambores. Para Malaca, **"hoje tem muitos ogãs bons e muitos arrogantes, tem que mostrar humildade e querer compartilhar os ensinamentos"**. Já Moa enfatiza: **"O que é ser ogã? É saber ouvir o tambor, é o som da vida. Respeito pela cultura, entender o que é ancestralidade e principalmente ouvir"**. Essas reflexões destacam o tambor como símbolo de conexão entre o espiritual e o humano, ressignificando a prática como um ato de escuta e humildade.

Em comum, as entrevistas evidenciam a resistência das comunidades de terreiro diante da intolerância religiosa e das adversidades sociais. Seja por meio do ensino dos mais velhos aos mais jovens, do fortalecimento das relações comunitárias ou da defesa dos espaços de axé, as lideranças entrevistadas demonstram que o candomblé é muito mais que uma religião: é um ato de resistência cultural, política e espiritual. Como conclui Moa, **"os terreiros não vão acabar, isso chama-se resistência"**. A intolerância religiosa, portanto, não é apenas um desafio externo, o que também evidencia a necessidade de reafirmação da identidade e da cultura das comunidades de terreiro.





6

ENCERRAMENTO: CELEBRAÇÃO DAS SEMENTES E FOLHAS

6.1 Agradecimentos e reconhecimentos

Ao final desta jornada de aprendizado e reflexão, é essencial dedicar um momento para reconhecer e agradecer a todos que tornaram este trabalho possível. Este e-book é o resultado de uma colaboração entre tradições orais e acadêmicas, proporcionando uma ponte entre o saber ancestral e o registro contemporâneo.

Primeiramente, agradecemos aos terreiros e às comunidades que nos acolheram e compartilharam seus saberes. Aos mestres, ogãs e mães de santo que abriram seus corações e mostraram a beleza da oralidade como ferramenta de resistência e perpetuação do axé, nosso mais profundo respeito e gratidão.

Reconhecemos o papel inestimável das pessoas como Mãe Emanuele, Mãe Biu, Iuri Passos, Mestre Malaka e Mestre Moa, cujas histórias e experiências enriquecem esta obra e reafirmam a importância das vozes que mantêm vivas as tradições afro-brasileiras. É através das suas palavras que a ancestralidade ecoa, iluminando caminhos de espiritualidade, cultura e identidade.

Também agradecemos aos pesquisadores e estudiosos que, com suas análises e reflexões, contribuíram para aprofundar nosso entendimento sobre o papel dos tambores, dos ogãs e da religiosidade no candomblé. Este diálogo entre tradição e ciência fortalece o compromisso com a preservação e valorização das práticas culturais afro-brasileiras.

Finalmente, nosso reconhecimento vai àqueles que, direta ou indiretamente, inspiraram e apoiaram este projeto. Que este trabalho seja uma forma de retribuir o axé que recebemos e de garantir que as sementes plantadas continuem a florescer.

6.2 Convite para novas jornadas: continuidade e inovação

Este e-book é apenas uma etapa de uma longa caminhada. Ele nos convida a refletir sobre as tradições e os saberes transmitidos de geração em geração e nos inspira a pensar em como podemos dar continuidade a essa herança cultural. A palavra “inovação”, neste contexto, traduz-se como “encontrar maneiras de integrar os ensinamentos do candomblé ao mundo contemporâneo sem perder sua essência”. É uma jornada de continuidade que reconhece o valor do passado enquanto constrói novos futuros. Que este trabalho sirva de inspiração para pesquisadores, praticantes e admiradores da cultura afro-brasileira, incentivando o diálogo e a colaboração entre diferentes comunidades. O candomblé é um patrimônio vivo, e sua força está na sua capacidade de se reinventar e resistir.

Convidamos você, leitor, a fazer parte dessa jornada: a visitar os terreiros, a aprender com os mais velhos, a lutar contra a intolerância e a valorizar as expressões culturais que compõem a identidade brasileira. Que as folhas, símbolos de sabedoria, e as sementes, representações de esperança, continuem a nos guiar. A continuidade depende de cada um de nós, pois, como dizem os antigos, “o axé se renova quando compartilhado”. Vamos, juntos, plantar novas sementes e garantir que as folhas continuem a florescer.

ASÉ!

REFERÊNCIAS

- ABIMBOLA, Wande. **The yoruba religious concepts.** Ife: Department of Religions, University of Ife, 1977.
- BASCOM, William. **Sixteen cowries:** yoruba divination from Africa to the New World. Indiana University Press, 1981.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia:** Rito Nagô, 2001.
- BENISTE, José. **Águas de Oxalá.** Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- BRUNDAGE, Kirk. **Afro-Brazilian Percussion Guide Candomblé:** Instruments and Rhythms from Salvador, Bahia, Brazil. Los Angeles: Alfred Music, 2010. 80p.
- LOPES, Artur Costa; BRITO, Érico de Souza; GUERREIRO, Clayton da Silva. **Xigubos, pandeiros e atabaques: instrumentos como meio de acesso ao sobrenatural no Brasil e em Moçambique.** *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 21, n. 40, p. 447-484, 2021.
- LÜHNING, Angela. O Terreiro do Candomblé. In: **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, Salvador, n. 76, p. 1-33, 1989.
- MÃE BIU. Entrevista cedida a Átila Ramirez da Silva. 12 de agosto de 2024
- MÃE EMANUELE. Entrevista cedida a Átila Ramirez da Silva. 10 de setembro de 2024
- MESTRE MALAKA. Entrevista cedida a Márcio Mendes, 10 de Agosto de 2024.
- MESTRE MOA. Entrevista cedida a Márcio Mendes. 23 de Julho de 2024.
- NEGRÃO, Cecilia. Resistência toca atabaque: o legado de Lorenzo Turner. *Último Andar: Cadernos de Pesquisa em Ciências da Religião*, São Paulo, v. 32, p. 44-55, 2018.
- PASSOS DE BARROS, Iuri Ricardo. **O alagbê:** entre o terreiro e o mundo. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.
_____. Entrevista cedida a Átila Ramirez da Silva. 31 de julho de 2024.
- PASTI, Renato. Pensar-vivendo: Filosofia a toque de atabaques em Pensar nagô. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 18, n. 207, p. 135-138, 2018.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** Companhia das Letras, 2001.
- SOUZA, Vitor Israel Trindade de. **O Ogan Otum Alabê:** sacerdote e músico percussionista da Nação Ketu no Ilê Axê Jagun. São Paulo, 2021.
- SODRÉ, Muniz A. C. Pensar nagô. Rio de Janeiro: Vozes, 2017, 238 p.
- VERGER, Pierre. **Orixás:** deuses iorubás na África e no Novo Mundo. Editora Corrupio, 1999.



Cultura, Economia e Indústria Criativas

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS